



**UM ESTUDO REFLEXIVO SOBRE O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA EJA:
COMPREENDENDO SUA IMPORTÂNCIA COGNITIVA PARA OS ESTUDANTES
DO SEGUNDO SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Viviane Chagas de Lima*

Geraldo Gonçalves de Lima**

Resumo: Este trabalho procurou realizar um estudo reflexivo sobre o ensino de Artes Visuais na Educação de Jovens e Adultos. Foram abordados criticamente os conteúdos próprios para o segundo segmento do Ensino Fundamental, bem como houve uma discussão sobre sua repercussão no desenvolvimento cognitivo dos estudantes por meio do processo educativo/Artes Visuais e a importância do papel docente nesse processo. A metodologia usada centrou-se em pesquisa bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa. Autores tais como Ana Mae Barbosa (2000), Ana Lúcia Pimentel (2007), Paulo Freire (1987, 1996), Jean Piaget (1984, 1989), entre outros, foram importantes para o desenvolvimento do estudo, além de documentos tais como a LDB 9394/96 e principalmente a Proposta Curricular para EJA - Segundo Segmento Ensino Fundamental que serviu de base para identificar os conteúdos trabalhados em Artes Visuais para o referido segmento, as potencialidades a serem desenvolvidas com o ensino de Artes Visuais, e a promoção de reflexões integradoras com as demais bibliografias. Os resultados deste estudo a se destacar são aqueles advindos de conteúdos trabalhados que promovam a autonomia, a autoestima, o respeito pelo outro, o conhecimento de si, a afetividade, o trabalho em grupo e o desenvolvimento de processos mentais superiores (imaginação, percepção, pensamento abstrato, sensibilidade etc.), fazendo uso de diferentes recursos naturais, produzidos, advindos das novas tecnologias; visitas a diferentes centros culturais, com apoio do professor que deve ser reflexivo, competente, amoroso, problematizador, empático e estar em constante aperfeiçoamento de sua prática docente a propósito de uma educação transformadora e propulsora de múltiplas inteligências.

Palavras-chave: EJA. Artes Visuais. Educação.

* Coordenadora Pedagógica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG), Campus Ponte Nova. Especialista em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM). Especializando em Ensino de Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

** Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (PEBTT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM), Campus Uberaba. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).



1 Introdução

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil (EJA) consiste em um processo ainda em desenvolvimento, não sendo diferente da educação em geral, a qual ainda não recebe a devida atenção das organizações governamentais.

A EJA acompanha historicamente as dificuldades enfrentadas pela educação brasileira, em um percurso permeado por descaso das autoridades em garantir a educação como um bem social de fato, de promoção das pessoas menos favorecidas ou excluídas do processo educativo pleno.

Os movimentos sociais, tendo por pressuposto a necessária formação humana para que se atinjam os direitos considerados básicos, progressivamente promoveram este reconhecimento na letra da lei, traduzido atualmente em duas das principais legislações brasileiras, como a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei 9.394/1996. Mas, tais prescrições legais ainda estão distantes de sua real garantia diante das ações governamentais e financiamentos que superem percentuais mínimos para uma educação de qualidade.

A LDB 9.394/96, mais especificamente na seção V, Art. 37, em seus respectivos parágrafos, afirma que a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos na idade própria e que os sistemas de ensino, deverão responsabilizar-se pela gratuidade e por assegurar oportunidades educacionais apropriadas, que atendam as características dos alunos, interesses e condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. Além disso, são responsáveis também pela viabilização e estímulo pelo Poder Público do acesso e permanência do aluno trabalhador na escola, com ações integradas e complementares entre si.

A despeito dessa garantia descrita na legislação educacional, sabemos que a EJA tem obstáculos em inúmeros fatores que limitam o sucesso dos programas implementados, devendo levar-nos enquanto profissionais da educação a refletir sobre o que realmente anda sendo feito por esta modalidade de ensino, bem como quais ações em sala de aula estamos colocando em prática, para que possamos, enquanto sujeitos sociais e também responsáveis pelo outro, colaborar com a transformação que vislumbramos para aqueles sujeitos. Reconhecendo que o processo educacional é uma atividade de fundamental importância para o desenvolvimento humano, bem como essencial para que os indivíduos possam implementar ações para modificar o mundo e a si mesmos (TARDIF, 2002).

Partindo destes breves pressupostos gerais da EJA – seu posicionamento histórico e suas conquistas legais – tem-se como objetivo geral no presente trabalho, trazer um estudo reflexivo



sobre o ensino de Artes Visuais na EJA, na perspectiva de compreender sua importância para a formação cognitiva dos estudantes que se enquadram no segundo segmento – Ensino Fundamental (EF).

Na perspectiva de atingir o objetivo geral deste artigo, estruturamos nosso trabalho por meio de três objetivos específicos, quais sejam: elencar os conteúdos de Artes Visuais trabalhados na EJA do segundo segmento do EF; compreender de que maneira esses conteúdos contribuem para o desenvolvimento cognitivo desses indivíduos e refletir sobre o papel do educador da EJA comprometido com o desenvolvimento investigado.

Entende-se a relevância desta investigação, tanto para a EJA, quanto para o ensino de Artes Visuais, pois embora a EJA tenha ganhado certa atenção em produções científicas ainda carece de muitos estudos que colaborem com a modificação do *status quo* de educação compensatória, a título de fornecimentos de certificados que não promovam seus alunos verdadeiramente no exercício da cidadania.

Outrossim, o estudo sobre as Artes Visuais para esta modalidade de ensino, vem colaborar para as mudanças de paradigmas ainda arraigados na educação, de que artes é passatempo ou recreação, quando na verdade esta é uma área do conhecimento que se trabalhada em sua essência poderá desenvolver mecanismos mentais superiores. Assim, temos também que este trabalho é de relevante importância para o educador da EJA em Artes Visuais, pois além de colaborar para a afirmação das Artes como área de conhecimento, vem colaborar para que o educador tenha um norte sobre o que trabalhar como conteúdos e para quê, compreendendo sua importância no desenvolvimento cognitivo de seus alunos e por conseguinte, repensar também a própria prática diante dos novos modelos educacionais.

Pensando ainda sobre a importância deste estudo, convém trazer um alerta de Barbosa (2000, p. 8), de que “as Artes Visuais ainda estão sendo ensinadas como desenho geométrico, seguindo a tradição positivista, ou continuam a serem utilizadas principalmente na comemoração de festas e na produção de presentes estereotipados”.

Contrariando essa visão de educação em artes, que já deveria ter sido superada, diante dos novos modelos educacionais postos há um bom tempo na história da educação, as estudiosas de arte-educação, Ana Lúcia Pimentel (2007) e Ana Mae Barbosa (2000) defendem que o ensino de Artes Visuais promove o desenvolvimento das múltiplas inteligências do aluno, sua sensibilidade, emoção, reflexão, imaginação, criatividade, criticidade, entre outras dimensões.

Tal investigação tem por procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica e mais especificamente a documental, tomando-se como central nos estudos a Proposta Curricular para



EJA – Segundo Segmento Ensino Fundamental – Artes na EJA, além de alguns pontos trazidos pela LDB 9394/96. Foi feito uso da abordagem qualitativa, sendo selecionados os documentos citados e obras relativas ao tema investigado, procedendo-se em um segundo momento, às leituras iniciais, posteriores coleta de dados, revisão de literatura, reflexão e síntese integradora, pautando-se na rigorosidade científica.

O presente artigo está estruturado em três partes, além das considerações finais. Na primeira parte, serão tratados os principais conteúdos de Artes Visuais trabalhados na EJA, particularmente no segundo segmento do EF. Na segunda parte, discutir-se-á os conteúdos de Artes Visuais na EJA e seu papel no desenvolvimento cognitivo dos alunos. Em um terceiro momento, será abordada a questão do educador da EJA no ensino de Artes Visuais e seu comprometimento com o pleno desenvolvimento dos alunos.

2 Principais conteúdos de Artes Visuais prescritos para a EJA

Pensar a EJA, segundo Freire (1996), considerado o maior expoente dessa modalidade, significa considerar a necessária emancipação do educando, no seu reconhecimento enquanto sujeito transformador, crítico, autônomo e capaz de compreender e agir na sociedade na qual vive.

Partindo disso, deve-se considerar os conteúdos programáticos que promovam essas potencialidades destacadamente cognitivas, mas acima de tudo metodologias de ensino que estejam de acordo com uma educação transformadora.

Nessa perspectiva, a metodologia de ensino proposta por Davini (1983, p. 7) “supõe planejar uma série encadeada de atividades de aprendizagem que surgem das situações do próprio serviço. A partir delas, se incentivará a reflexão e busca de conhecimentos que reverterão em novas formas de ação”.

A Proposta Curricular para EJA – Segundo Segmento Ensino Fundamental – Artes na EJA, elaborado pelo MEC, propõem os conteúdos da base comum que se deve trabalhar com o público da EJA. Tendo por base esse documento oficial, são elencados os principais conteúdos de Artes Visuais a se trabalhar com esses sujeitos, especificamente nessa etapa formativa.

Segundo a LDB 9.394/96, Art. 26, § 2º, o ensino das artes constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. Barbosa amplia essa visão e nos esclarece que:

A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Através da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida



e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2000, p. 9).

Partindo disso, além da prescrição percebida na legislação educacional, a arte na EJA deve ter conteúdos próprios, deve ser trabalhada como área de conhecimento, em razão de sua importância na promoção do acesso “aos bens culturais e na participação dos alunos na sociedade, por intermédio da arte” (BRASIL, 2002, p. 137).

Desse modo, os objetivos em se trabalhar Artes Visuais conforme a Proposta Curricular para EJA – Segundo Segmento Ensino Fundamental – Artes na EJA, encerram a busca do desenvolvimento da autoconfiança, um dos fatores primordiais em se tratando de EJA, principalmente por sua história de exclusão e de baixa autoestima diante de diversos fatores negativos com os quais o aluno deparou-se em sua vida. Deve-se também desenvolver o respeito pelo outro e pela diversidade artística, a expressão, representação de ideias, emoções, sensações, percepções, imaginação, memória, sensibilidade e reflexão de maneira interativa entre os sujeitos da EJA, promovendo o fortalecimento grupal e a promoção da individualidade como parte de um todo.

Objetiva-se, conforme a Proposta Curricular para EJA – Segundo Segmento Ensino Fundamental – Artes na EJA: a interação com materiais naturais, fabricados e multimeios, tais como computador, vídeos, holografia, cinema, fotografia. Esses últimos, possibilitados pelo avanço das novas Tecnologias de Informação e Comunicação, contribuindo para a inserção do aluno da EJA também no mundo digital durante o processo de aprendizagem em Artes Visuais:

É preciso conhecer tanto os meios tradicionais quanto os meios que usam tecnologias contemporâneas, para poder escolher qual o mais apropriado como meio de expressão. Para poder pensar artisticamente, é necessário ter pensamento crítico e conhecer os diversos instrumentos de produção artística, ficando bem claro que esse conhecimento não deve ser fim em si mesmo, mas um meio para que se consiga ver, contextualizar, significar e produzir arte. (PIMENTEL, 2007, p. 1).

Além disso, o aluno deverá saber reconhecer, diferenciar e utilizar diversas técnicas de artes, como procedimento de pesquisa, experimentação e comunicação próprios. O aluno da EJA deverá, ainda, identificar, analisar e compreender as inter-relações entre a diversidade de elementos da linguagem visual existentes na realidade e fazer a conexão do que sente, observa, percebe com sua própria experiência.

Complementando, o que se objetiva trabalhar em Artes Visuais, segundo a Proposta Curricular para EJA – Segundo Segmento Ensino Fundamental – Artes na EJA, temos que o aluno deve conhecer e estar em contato constante com museus, galerias, ateliês, centros de



cultura, oficinas populares, feiras, mercados, desenvolvendo a consciência de preservação, conservação e restauração destes locais.

É de suma importância que o trabalho com Artes Visuais faça relação com as demais artes (dança, artes cênicas, música), bem como com as outras áreas do conhecimento de maneira (inter)(trans)disciplinar.

Reforça-se que autoconfiança é de grande importância no processo educativo do aluno da EJA, pois como nos atenta a Proposta Curricular estudada, esses alunos geralmente são tímidos, reservados, desconfiados e sentem-se incapazes. E, “[...] antes de mais nada, é primordial que a escola trabalhe também a autoestima. Se o aluno não se sentir seguro e capaz para produzir no âmbito escolar, seu aprendizado será prejudicado” (BRASIL, 2002, p. 144).

Ainda, conforme o mesmo documento, sabe-se que os eixos de aprendizagem são: produzir (fazer artístico, por meio da expressão, experimentação, construção, representação), apreciar (recepção, fruição, decodificação, interpretação) e contextualizar (situar o conhecimento, percebendo as múltiplas culturas e as subjetividades). Por isso, salienta-se que o professor deverá conhecer seus alunos e acolher o repertório pessoal que trazem de suas vivências, observando o produto da comunidade e introdução de conteúdos das diversas culturas e épocas. Deve-se também entender que “no processo de busca da temática significativa, já deve estar presente a preocupação pela problematização dos próprios temas, por suas vinculações com outros. Por seu envolvimento histórico-cultural” (FREIRE, 1987, p. 57).

Observa-se que é central o trabalho com a leitura de imagens diversas, pois no mundo contemporâneo em que estamos cercados por elas, o aluno deve saber fazer a leitura e interpretação dessas imagens, educando seu olhar na compreensão e avaliação de tipos diferenciados, decodificando estímulos visuais, abstraindo o mundo, mas filtrando-o com suas próprias marcas de subjetividades. Imagens fixas ou em movimento, abstraídas ou produzidas expressam pensamentos e sentimentos. O estudo de imagens em Artes Visuais, requer ações diversas que possam despertar emoção e imaginação (BRASIL, 2002).

Em síntese, temos segundo a Proposta Curricular para EJA – Segundo Segmento Ensino Fundamental – Artes na EJA, que os principais conteúdos em Artes Visuais são de três tipos: conceituais (saber conceitos, fatos e princípios); procedimentais (saber fazer arte – instalação, fotografia, escultura, desenho, pintura, colagem, gravura, leitura de imagens diversas, etc.), devendo-se destacar a problematização, a visita a diversos locais para a vivência artística, a valorização cultural e artística no espaço e no tempo; e atitudinais (saber ser individual e em convivência com o outro, desenvolvendo autonomia, autoconfiança, autoestima e autocrítica,



além do respeito fundamental). Os conteúdos citados, deverão ser trabalhados de maneira integrada buscando o desenvolvimento cognitivo integral dos alunos, por meio de conceitos, procedimentos e atitudes, atendendo aos eixos de aprendizagens em artes, que são: produzir, apreciar e contextualizar.

3 Os conteúdos de Artes Visuais na EJA e seu papel no desenvolvimento cognitivo dos alunos

A arte eleva o ser humano a dimensões cada vez mais especializadas, colaborando em seu processo de aprendizagem, desenvolvendo a abstração, a percepção visual, a imaginação, a criatividade, a sensibilidade, dentre outras potencialidades humanas. No fazer artístico, o processo de selecionar, criar e recriar significados permite ao aluno expressar sua singularidade, em um exercício que torna possível o conhecimento de si. Ao comparar suas produções com os colegas ou outros artistas, estará se afirmando enquanto sujeito autoconfiante e capaz, além de estar desenvolvendo o respeito pelos demais colegas, quando analisa os demais trabalhos, e/ou quando desenvolve trabalhos coletivos (BRASIL, 2002).

Refletindo sobre a Proposta Curricular para EJA – Segundo Segmento Ensino Fundamental – Artes na EJA, o ensino de Artes Visuais, além de ser considerado um forte mecanismo de desenvolvimento da autonomia nos indivíduos, promove desafios, à medida que transcende técnicas, importando igualmente vivências, experiências, diálogos e reflexões sobre o objeto de estudo.

Nesse sentido, há a preocupação com a inserção no mundo do trabalho e a importante relação sociedade-cultura, na construção formativa dos sujeitos da EJA. Esse trabalho, ainda deve visar ampliar a compreensão e capacidade de representação dos alunos. Isso não acontece descomprometida ou passivamente. Consiste em resultado de um intenso exercício de busca e de desequilíbrios momentâneos diante do objeto do conhecimento, como investigou Piaget (1984), para quem o conhecimento é um processo dinâmico, que requer “desequilíbrios cognitivos”.

Desse modo, segundo o autor, os desequilíbrios que podem ser originados de processos de mudanças tanto interior como exterior ao indivíduo, tende a levá-lo a uma tomada de consciência que possibilitará a busca por um novo estado, ou seja, dar-se-á a “equilíbrio progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior” (PIAGET, 1984, p. 13), em que o aprendiz adapta-se (acomodação) ao conhecimento que assimila e possibilita o desenvolvimento de mecanismos de ação e atuação, condizentes com os desafios do meio em que está inserido. Nesse processo, os desafios



colocados pelo mediador, permitirão, conforme Piaget (1984), que as estruturas mentais dos educandos se ampliem. Progressivamente, devem ser colocados novos outros desafios até que se atinja uma fase de pensamento conceitual. Nessa perspectiva, o indivíduo ao mesmo tempo em que se desenvolve, transforma seu mundo, socializando pensamentos e discutindo ideias.

Em outras palavras, à medida que os indivíduos organizam e selecionam informações, que retiram do objeto do conhecimento, interpretando o mundo, acontece uma acomodação (reajuste, modificação das estruturas mentais) e assimilação (assimilação do mundo exterior, dos conhecimentos, a partir das novas estruturas mentais) que promoverá a equilíbrio:

O encontro do objeto exterior desencadeará a necessidade de manipulá-lo; sua utilização para fins práticos suscitará uma pergunta ou um problema teórico. Uma palavra de alguém excitará a necessidade de imitar, de simpatizar ou levará à reserva e oposição quando entra em conflito com as nossas tendências. (PIAGET, 1984, p. 16).

Observando, que podemos fazer uso dessas importantes teorias sobre o construtivismo de Piaget, que embora tenha concentrado seus estudos na compreensão do desenvolvimento mental infantil, afirma que este estudo pode ser aplicado na compreensão do desenvolvimento adulto, nos permitindo, dessa forma, fazer uso de suas teorias para pensar a EJA e o ensino de Artes Visuais, pois segundo o autor:

Toda pesquisa em psicologia científica deve partir do desenvolvimento e que a formação dos mecanismos mentais na criança é o que melhor explica a natureza e o funcionamento desses mecanismos no adulto. O objetivo essencial da psicologia infantil nos parece, portanto, a constituição de um método explicativo para a psicologia científica em geral, ou seja, o fornecimento de uma dimensão genética indispensável à solução de todos os problemas mentais (PIAGET, 1999, p. 99).

Assim, temos que o processo educativo, o desenvolvimento humano, não se dá de maneira descompromissada, pois requer por parte do educador/mediador um trabalho planejado, que seja reflexivo, e que acima de tudo permita o desenvolvimento da autonomia pelos sujeitos, que os levará a tomadas de decisões, reflexões, pensamento crítico, entre outras potencialidades necessárias para inserção e atuação no mundo do trabalho de maneira integral. Privilegiando, ainda, o aprender fazendo, pesquisando, observando criticamente, interagindo com o mundo e as pessoas, desenvolvendo através das Artes Visuais suas múltiplas linguagens e inteligências.

Deve-se observar o imprescindível papel do educador nesse processo de construção do conhecimento pelo aluno. Pois, consoante Estevam, Vilas-Boas e Muniz (2012), a



aprendizagem está sendo dificultada pelo pouco exercício de convivência com o outro. Ou seja, nas palavras dos autores:

A falta de significado, a carência de afeto, de valorização e de alegria dificultam a elaboração profunda da vida, uma vez que aprender é apaixonar-se, é a qualidade de relação estabelecida entre facilitador e aprendiz. O que colabora na aprendizagem é o olhar do docente ou facilitador, quando o conhecimento do perfil do aprendiz o ajuda aprimorar a forma de apresentar-lhe um conteúdo ao proporcionar um desafio ideal, o que vai fazer com que o aprendiz seja mais agradável e com que o aprendiz se sinta encorajado a enfrentar desafios em novas áreas (ESTEVAM; VILAS-BOAS; MUNIZ, 2012, p. 29).

Nesse sentido, parafraseando Barbosa (2000), a arte é uma linguagem que aguça sentidos e transmite significados como nenhum outro tipo de linguagem, possibilitando-nos visualizar quem somos onde estamos e como sentimos. Portanto, o educador da EJA ao trabalhar com Artes Visuais deve explorar tais possibilidades oferecidas por essa linguagem levando o aluno a ampliar seu desenvolvimento cognitivo, sua afetividade, a conhecer a si próprio e o outro com quem se relaciona, promovendo um relacionamento saudável entre os sujeitos mediados pela ação docente e o apreciar, fruir, fazer arte. Isso tornará possível o desenvolvimento inclusive da autoestima, mecanismo de essencial importância para o desenvolvimento do aluno da EJA, como nos atenta a Proposta Curricular analisada, sobretudo, em razão de um histórico de insucessos, reprovações, exclusão na vida desses alunos.

4 O educador da EJA no ensino de Artes Visuais e seu compromisso com o pleno desenvolvimento dos alunos

O educador de Artes Visuais deve ser, antes de tudo, um professor problematizador, tendo como princípios norteadores os postulados de Freire (1996). Pois, não há como pensar a educação de jovens e adultos sem pensar as concepções e diretrizes tratadas por esse notável educador.

Neste sentido, “a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo implica num constante ato de desvelamento da realidade” (FREIRE, 1987, p. 40), emersão de consciências, levando os sujeitos ao desafio que permitirá a saída de si em busca da construção de seu conhecimento e consequente autonomia.

Outro ponto a ser destacado para o educador comprometido com o desenvolvimento de seus alunos em Artes Visuais consiste na importância da constituição de professores/pesquisadores/artistas, que segundo Irwin, devem:



Viver a vida de um artista que também é um pesquisador e professor e viver uma vida consciente, uma vida que permite abertura para a complexidade que nos rodeia, uma vida que intencionalmente nos coloca em posição de perceber as coisas diferentemente. Artistas-pesquisadores-professores são habitantes dessas fronteiras ao re-criarem, re-pesquisarem e re-aprenderem modos de compreensão, apreciação e representação do mundo. Abraçam a existente mestiçagem que integra saber, ação e criação, uma existência que requer uma experiência estética encontrada na elegância do fluxo entre intelecto, sentimento e prática. (IRWIN, 2009, p. 1)

É nesse exercício comprometido com a aprendizagem e a própria formação que o professor se faz e refaz e constrói mecanismos e metodologias de ensino e de aprendizagem que permitirão a construção do conhecimento por seus alunos. Observando que esse estudo deve também nos remeter a pensarmos sobre quem é esse professor da EJA e ao mesmo tempo professor de Artes Visuais? Qual sua formação e perfil necessário para a educação que se pretende? E muitas vezes temos o professor polivalente que deve saber de tudo um pouco, um eterno aprendiz em uma busca contínua, na perspectiva de oferecer a melhor educação possível para seus alunos, diante das situações possibilitadas pelas políticas públicas, que tão bem sabemos, carece de mudanças profundas em benefício da qualidade que pleiteamos.

Nessa perspectiva, Barbosa (2000, p. 8) assume a postura de que “somente a ação inteligente e empática do professor pode tornar a arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento do cidadão como fruidor de cultura e conhecedor da construção de sua própria ação”. Desse modo, é reafirmado o que Estevam, Vilas-Boas e Muniz (2012) e outros autores citados já defendem sobre a importância da ação do docente na construção do conhecimento do aluno.

Outro fator relevante a ser considerado na reflexão acerca do educador comprometido com a formação de seus alunos é a questão do professor reflexivo. Para que haja coerência nas ações docentes com uma educação emancipadora, dialógica, construtivista, amorosa, promotora do desenvolvimento cognitivo em Artes Visuais, é preciso “[...] o saber-fazer da auto reflexão crítica e o saber-ser da sabedoria exercitados permanentemente” (FREIRE, 1996, p. 7).

Logo, essa sabedoria exercitada permanentemente advém da constante construção do próprio conhecimento docente, que embora esteja em processo contínuo de aprendizagem enquanto exerce sua profissão, é essencial a sua formação continuada para a excelência no trabalho educativo.

Por sua vez, o docente comprometido com a EJA, em geral, e com o ensino de Artes Visuais, em particular, deve estar conectado com o amor, respeito e esperança; valores tão importantes quando pensamos no ato educativo, principalmente em se tratando dos educandos jovens e adultos, em razão do que estes alunos normalmente trazem emocionalmente com eles.



5 Considerações Finais

Diante do estudo investigativo realizado, promover uma abordagem reflexiva sobre as implicações das Artes Visuais na educação de jovens e adultos permite compreender que essa área do conhecimento contribui enfaticamente para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, aprimorando os processos mentais considerados superiores.

Nesse sentido, as Artes Visuais permitem que o aluno da EJA desenvolva o pensamento abstrato, a sensibilidade, o respeito pelo outro, a autonomia, a autoconfiança e autoestima, entre outros. Os conteúdos em Artes Visuais que permitirão o desenvolvimento desses mecanismos, como vimos, envolve conceitos, procedimentos e atitudes.

Para entender esse desenvolvimento, tendo como base a teoria construtivista de Piaget, aborda-se o processo de desequilíbrio – acomodação – assimilação – equilíbrio, compreende-se que o processo de construção do conhecimento e do desenvolvimento cognitivo requer um trabalho empático e problematizador do professor mediador, provocando desafios ao aprendiz, que só aprende quando é sujeito do próprio conhecimento em atividades desafiadoras, significativas e interessantes.

Nesse caminho, a EJA deve ser entendida como ato que supera o mero discurso reprodutivista e a denúncia, bem como se desprenda do mero senso comum e adentre espaços reais de luta, de superação e de construção do conhecimento por todos e todas.

Assim, essa Pedagogia deve partir da emancipação e da libertação dos sujeitos. Estes devem ser valorizados, despertados em suas consciências e que possam se tornar indivíduos críticos, ativos na sociedade em que vivem e se relacionam, e o educador terá este papel tão importante como propulsor dessas potencialidades.

A REFLEXIVE STUDY ON THE LEARNING OF VISUAL ARTS IN EJA: UNDERSTANDING ITS COGNITIVE IMPORTANCE TO THE STUDENTS OF SECOND GRADE OF THE ELEMENTARY SCHOOL

Abstract: The purpose of this paper is to make a reflexive study on the teaching of Visual Arts in Youth and Adult Education. This is critically approached from its own content for the second phase of EJA elementary school. There is also a discussion about the cognitive development of students through the educational/visual arts process and the importance of the teacher's role in this process. The methodology is based on bibliographic research and document research with a qualitative approach. Authors such as Ana Mae Barbosa (2000), Ana Lúcia Pimentel (2007), Paulo Freire (1987,1996), Jean Piaget (1984), among others, were important for the development of this study, as well as documents such as the LDB 9394/96, especially the Course Proposal for EJA - second phase of the elementary school, that served as the basis for



identifying the contents worked in visual arts, the potential to be developed with the visual arts teaching, and the promotion of integrated reflections with other bibliographies. The results of this study that can be highlighted come from the contents worked to promote autonomy, self-esteem, respect for others, teamwork and the development of higher mental processes (imagination, perception, abstract thinking, sensitivity etc.), making use of different resources and visits to different cultural centers. These activities are supported by the teacher that must be reflective, competent, affectionate, problem-solving, empathic, and be constantly improving his practice as well as be constantly improving his teaching practice regarding a transformative education and a conveyor of multiple intelligences.

Keywords: EJA. Visual Arts. Education.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Proposta Curricular para EJA - Segundo Segmento Ensino Fundamental**. Brasília, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol3_ar te.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2014.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

DAVINI, M. C. **Currículo Integrado**. Adaptação e resumo por José Paranaçu de Santana, do texto do mesmo título, elaborado mediante consultoria à OPAS, Brasília, 1983, para a Capacitação Pedagógica do Programa de Formação de Pessoal de Nível Médio em Saúde (Projeto Larga Escala).

ESTEVAM, H. M.; VILAS-BOAS, M. e MUNIZ, R. A. **Ultrapassando a Fragmentação: pedagogia da inteireza na educação de jovens e adultos**. Uberaba – MG: Editora e Gráfica Cenequista Dr. José Ferreira, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**; 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BARBOSA, A. M. **Arte na educação para todos**. In: V Congresso Nacional de Arte-Educação na Escola para Todos e VI Festival Nacional de Arte sem Barreiras. 2000, Brasília. Anais, Brasília: 2000, p. 6-12. Disponível em: <<http://www.arteducacao.pro.br/downloads/anaisvcong.pdf>>. Acesso em: 23 jul.2014.

IRWIN, R. L. **A/r/tografia: Uma mestiçagem Metonímica**. In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (Org). **Interterritorialidade: mídias, contextos e educação**. São Paulo, Brasil: Editora Senac, 2009.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1984.

_____. **Seis Estudos de Psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense/ Universitária,1989.



PIMENTEL, L. G. **Mediações Tecnológicas para o Ensino de Arte**. Anais do XVII CONFAEB – Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil e IV Colóquio Sobre o Ensino de Arte. 2007. Disponível em:
<http://aaesc.udesc.br/confaeb/Anais/lucia_pimentel.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2014.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.